
TEATRO

15, 16, 17

JANEIRO '08

PRESUMPTION
(PRESUNÇÃO)

Um espectáculo de Third Angel

Culturgest

Grupo Caixa Geral de Depósitos



TER 15, QUA 16 E QUI 17 DE JAN 2008 · PALCO DO GRANDE AUDITÓRIO · M/12

Escrito e concebido por Alexander Kelly, Chris Thorpe e Rachael Walton

Encenação e cenografia Alexander Kelly e Rachael Walton

Com Chris Thorpe e Lucy Ellinson

Desenho de luz James Harrison

Som David Mitchell

Director técnico e adaptação do desenho de luz Martin Fuller

Director de cena Helen Fagelman

A versão original de *Presumption* estreou a 17 de Maio de 2006 no Sheffield Theatres' Studio.

A produção agora apresentada estreou a 1 de Fevereiro de 2007 no The Door, Birmingham Rep.

Agradecimentos Paul Fraser; Julie Horan; Stella McCabe; Angela Galvin, Ellie Jones e todos nos Sheffield Theatres; Dead Earnest Theatre; Unlimited Theatre; Alison Andrews, Mark Hollander, David Micklem; Annie Lloyd; Gordon Scott; John Green; Steve Curtis; Rachael Spence; Cassie Friend; Rosi Hunter; Patti Doxey; todos os teatros parceiros da digressão em 2007 no Reino Unido

Uma produção Third Angel em associação com os Sheffield Theatres, financiada pelo Arts Council England. Third Angel é regularmente financiado pelo Arts Council England e apoiado pela Site Gallery, Sheffield



Ao falar com pessoas sobre o nosso trabalho elas muitas vezes perguntam de onde vêm as ideias para os espectáculos. É uma pergunta difícil: porque é que nos interessamos por determinadas coisas em vez de outras? O que é que nos entusiasma ao certo? É óbvio que somos influenciados pelo mundo à nossa volta e as vidas que vivemos, os livros que lemos, os filmes que vemos, as galerias a que vamos e o teatro e espectáculos de artes performativas a que assistimos. Mas onde tem origem a ideia propriamente dita não sei dizer. Mas também acho que talvez possa ser a pergunta errada. O que talvez seja mais apropriado é: como é que essas ideias se desenvolvem e crescem?

Presumption começou com dois fios muito distintos. Tematicamente, queríamos explorar o amor. Não o amor intenso, o de quando é que nos voltamos a ver, do novo romance, nem um amor

triste, amargo, do coração despedaçado, mas o lugar do meio. Queríamos olhar para um amor que cresceu ao longo dos anos até um ponto em que andar com a vida para a frente se tornou mais importante. Onde já não é claro se os sentimentos se tornaram mais profundos e parte integrante de nós – ou simplesmente se o que estamos a viver é um hábito e pôr em causa a sinceridade da emoção é demasiado perigoso, já que significaria uma total alteração da vida.

Foi um tema difícil de explorar. É um sentimento que está submerso e de que raramente se fala. Há muita pressão para se ser apaixonado hoje em dia. O amor confortável parece que devia ser um oxímoro, deixa um gosto amargo na boca, a confissão de um fracasso: um primeiro passo para as pantufas e o cachimbo. E ao mesmo tempo falamos de envelhecer juntos, damos valor aos silêncios confortáveis, queremos um ombro de



apoio onde chorar, um abraço. Ao fazer o espectáculo, falámos muito das nossas próprias experiências e expectativas; falámos dos nossos pais e avós. Falámos de gerações que nos precederam e que estavam tão ocupadas a trabalhar e a sustentar os filhos que nunca se deram ao luxo de perguntar se estavam felizes juntas ou não. A Beth e o Tom foi o que arranjámos, e um olhar sobre um par de dias da sua vida.

O segundo fio, que estive lá desde o início, é a fisicalidade da peça. Esta teve a sua primeira concretização num *work in progress* chamado *Best Laid Plans*, que integrou o Pyramid Festival dos Sheffield Theatres em Maio de 2005. Nessa altura pensámos que era a abertura de um espectáculo e era apenas eu a trazer mobília para cena vinda dos bastidores. Um espectáculo a solo com muito pouco texto e a sugestão de que uma personagem masculina estava fora de cena à espera de entrar. Recebemos

reações positivas e sugestões úteis por parte do público e portanto começámos a viagem que nos levou ao espectáculo que vão ver esta noite.

Ao longo do caminho, criámos horas de material. Concebemos e escrevemos. Partimos mobília e caímos. Às vezes sentimos que nos tínhamos perdido, mas voltámos no dia seguinte com a coragem de ir numa direcção completamente diferente. Vimos filmes, lemos livros e fizemos confissões. De vez em quando discutimos mas, de forma surpreendente para nós, não muitas vezes. Há algo nosso no espectáculo e talvez consigam encontrar lá algo vosso também. Acho que é seguro dizer que nos divertimos a fazer *Presumption*; gostamos da peça e esperamos que gostem também. Bom espectáculo e não deixem de nos dizer o que acharam.

RACHAEL WALTON

Home is so Sad

Home is so sad. It stays as it was left,
Shaped to the comfort of the last to go
As if to win them back. Instead, bereft
Of anyone to please, it withers so,
Having no heart to put aside the theft

And turn again to what it started as,
A joyous shot at how things ought to be,
Long fallen wide. You can see how it was:
Look at the pictures and the cutlery.
The music in the piano stool. That vase.

PHILIP LARKIN

É tão triste, a casa

É tão triste, a casa. Fica como a deixaram,
Afeita ao conforto dos últimos a partir,
Como que para os reaver. Mas, despojada
De gente a quem agradar, vai definhando
Sem alma para esquecer o roubo

É recordar outra vez o que era a princípio,
Um ensaio radioso das coisas como deviam ser,
Há muito malogrado. Bem se vê como foi:
É só olhar os quadros e talheres.
As músicas no banco do piano. Aquela jarra.

TRAD. MARIA TERESA GUERREIRO
PHILIP LARKIN, *UMA ANTOLOGIA*, COIMBRA,
FORA DO TEXTO, 1989

A Companhia

O Alex e eu temos trabalhado juntos nos últimos doze anos. Durante esse tempo muitas coisas mudaram. As nossas famílias, interesses, cinturas, listas de colaboradores e digressões cresceram todos. Fizemos peças de teatro, *live art*, filmes, instalações e projectos na internet. Tentámos sempre permanecer fiéis ao *ethos* de fazermos o que nos interessa no formato apropriado, qualquer que ele seja, em vez de nos atermos a uma única forma artística.

O que nos traz aos nossos colaboradores. Ao longo dos anos houve muitos; de facto acho que eles são o terceiro anjo. Por conseguinte o nosso trabalho beneficiou de conhecimento especializado e inestimável.

Trabalhamos juntos sobre o mundo à nossa volta. Damos por nós impelidos para os pequenos dramas que vivemos mais do que para narrativas épicas. Acreditamos na esperança e achamos que a fantasia faz parte da sobrevivência diária. Tentamos muitas vezes ser sérios, mas normalmente acabamos com humor negro, não o conseguimos evitar.

Fizemos digressões nacionais e também fomos à Hungria, Portugal, Espanha, França, Suíça e Alemanha, dando aulas e mostrando o nosso trabalho, mas os nossos corações, quer queiramos quer não, permanecem em Sheffield.

RACHAEL WALTON

Projectos Anteriores: Espectáculos de teatro

- 1997 *Experiment Zero*
- 1999 *Hang Up*
What Happens If...
- 2000 *Where From Here* (veio à Culturgest em 2002)
- 2001 *Believe The Worst*
- 2002 *Leave No Trace* (na Semana Internacional de Teatro-SITE-Coimbra e Porto, 2003)
- 2003 *Stage An Execution*
- 2005 *The Lad Lit Project*
- 2006 *Presumption*
- 2008 *Parts for Machines That Do Things*

Performance e Instalação

- 1995 *Testcard*
- 1996 *CandleTable, Barcode* e *Experiment Zero*
The Killing Show
- 1997 *Shallow Water*
- 1998 *Saved*
Senseless
- 2000 *Class of '76* (esteve no Festival Trama em 2005)
- 2001 *Pills For Modern Living* (na SITE, Coimbra, 2003)
- 2002 *Where Have They Hidden All The Answers?* (na SITE, Coimbra, 2003)
- 2003 *Pleasant Land*
- 2004 *Hurrysickness*
- 2005 *Palm*
Standing Alone, Standing Together
- 2006 *The Expected Lifespan of Dreams*
- 2007 *9 Billion Miles From Home*

Projectos de Internet, trabalhos em filme e vídeo

- 1996 *With The Light On*
- 1997 *On Pleasure*
- 1998 *Senseless* 02:47:18
- 2000 *Hang Up* 02:39:02
- 2001 *Pills* 03:20:00
- 2002 *Project Zero*
- 2003 *Pleasant Land Online*
- 2004 *Realtime*

Biografias

Rachael Walton

Fundou os Third Angel com Alexander Kelly em 1995, companhia de que é co-directora artística. Escreve, faz cenografia, dá aulas, concebe, encena e representa para a companhia e tem estado envolvida em todas as digressões nacionais e internacionais. Rachael também representou numa série de curtas-metragens e foi a protagonista na longa de baixo orçamento *Jelly Dolly* (real. Susannah Gent). Está actualmente a produzir muito trabalho para as Creative Partnerships e a trabalhar num espectáculo a solo.

Alexander Kelly

É co-director artístico dos Third Angel, com quem concebe, encena, faz cenografia, escreve e representa. Os projectos actuais dos Third Angel incluem *Presumption*, *9 Billion Miles From Home* (para a temporada “Sacred” do Chelsea Theatre) e *Off the White*, uma colaboração com o Teatro Praga que integrou o *Shall We Dance IV* (uma co-produção da Culturgest apresentada em Setembro passado). Em parceria com Christopher Hall, faz filmes, vídeos e *performances* que normalmente incluem mais cerveja e BD do que o seu trabalho com os Third Angel. Alex também trabalha com o Unlimited Theatre enquanto cenógrafo e co-encenador, incluindo no seu espectáculo actual, *Tangle*. Alex tem dado aulas e feito peças com estudantes e jovens artistas em

várias universidades do Reino Unido, ensina *devising* e encenação na Fundação Calouste Gulbenkian em Lisboa e é Associate Senior Lecturer em Prática da Performance na Leeds Metropolitan University.

Lucy Ellinson

Integra o Mapping4d Theatre (vencedores do Oxford Samuel Beckett Theatre Trust Award 2004) e é artista associada do Theatre in the Mill, em Bradford. Entre os espectáculos recentes destacam-se *1139* (Slungow Theatre), *Homemade* (Signal To Noise/Chris Goode), o espectáculo a solo *Lucy Ellinson's Post Mortem, Tangle* (Unlimited Theatre) e *Slender*, o projecto actual do Mapping4d.

Chris Thorpe

É um escritor e actor sediado em Manchester. Em 1997 foi um dos fundadores do Unlimited Theatre, uma companhia dedicada às novas dramaturgias e à *performance* que já venceu vários prémios e fez digressões nacionais e internacionais. O espectáculo mais recente, *Tangle*, esteve em digressão na Grã-Bretanha no Outono de 2006. Presentemente, Chris é escritor-residente na West Yorkshire Playhouse, tem uma encomenda do Soho Theatre e está a escrever um novo espectáculo no National Theatre Studio com o intérprete e coreógrafo Benji Reid. Chris também trabalha nos Balcãs no desenvolvimento de redes de nova dramaturgia e actua e grava com a banda alternativa de música *country* Little Nemo.

James Harrison

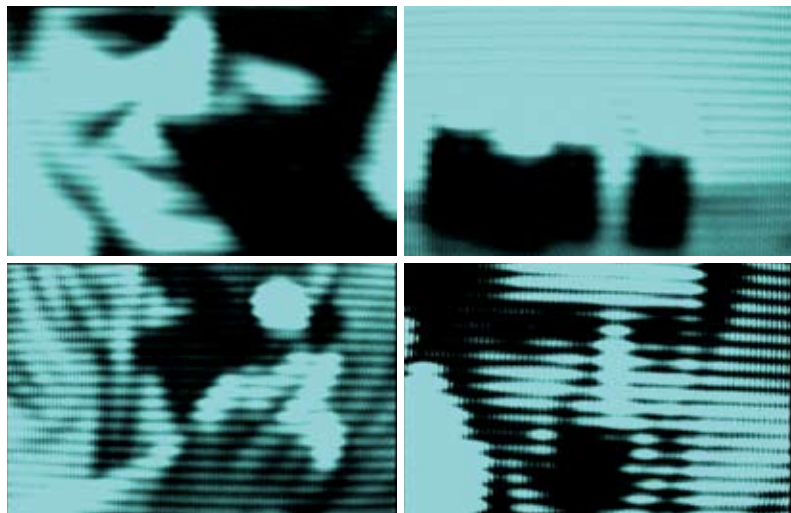
Fez a formação de luz e som na Sheffield University (1994), trabalhando principalmente com bandas ao vivo. Em 1999 licenciou-se em cenografia no Bretton Hall College. Fez cenografia para várias companhias de Sheffield, incluindo os Third Angel (*Where From Here, Believe the Worst, Leave no Trace e The Lad Lit Project*), Dead Earnest (*Comfort e Stalingrad*, cenário e luz), Point Blank (*Roses & Morphine*, cenário e luz) e Vincent Dance Theatre (*Drop Dead Gorgeous, Let the Mountains, Lead You to Love, Punch Drunk e Broken Chords*). Como director técnico/de produção, fez digressões nacionais e internacionais com as companhias de teatro e dança Third Angel, Blast Theory, Scarlet Theatre, Vincent Dance Theatre e Forced Entertainment. Em 2003 formou a sua própria produtora, Unknown Productions, que tem produzido instalações de som e luz de larga escala no Winter Garden de Sheffield e para a festa de abertura do Campeonato de Snooker World Embassy (2004). O seu trabalho inclui ainda dar aulas e implementar cenografia e desenhos de som e luz com grupos amadores e escolares na zona de Yorkshire, bem como estar ligado ao lado técnico das suas produções. Tem trabalhado com o Sheffield Children's Festival nos últimos cinco anos.

David Mitchell

Tem feito o desenho de som de filmes como a curta *Shadowscan* (vencedora de um BAFTA) ou o documentário *Kissed By Angels*. As suas composições musicais e desenhos de som incluem *Operation Wonderland* e *Roses & Morphine* (Point Blank). Também compôs a música para a instalação/performance dos Third Angel *Standing Alone, Standing Together*, encomendada pelas Millenium Galleries, em Sheffield, para a exposição *Tate Sculpture*. Nos últimos quatro anos tem sido engenheiro de som no programa de comédia da BBC *Last of the Summer Wine*. Para além disso trabalhou em programas como *Panorama, Real Story* e *Despatches*.



EM PARALELO
CONFERÊNCIA / PROJEÇÃO QUI 17 JANEIRO



Pills (curta-metragem). Video stills — Christopher Hall

Third Angel Cinema e Vídeo

SALA 2 · 18h30 · Entrada gratuita. Levantamento de senha de acesso, 30 minutos antes da sessão, no limite dos lugares disponíveis. Máximo: 2 senhas por pessoa

Os Third Angel, que trazem agora à Culturgest o seu espectáculo *Presumption*, desenvolvem paralelamente um trabalho em filme e vídeo, difundido e exibido em vários festivais europeus. Nesta apresentação/projecção, o co-director artístico Alexander Kelly apresenta uma cativante escolha de

trabalhos em filme e vídeo feitos pelos Third Angel e com outros colaboradores: peças curtas inovadoras, documentários experimentais, *video art* e documentação de espectáculos.

PRÓXIMO ESPECTÁCULO
JAZZ SÁB 19 JANEIRO



Fotografia: Manfred Rinderespacher

Rabih Abou-Khalil e Joachim Kühn Trio

GRANDE AUDITÓRIO · 21h30 · DUR. 1h30 · M/12

Rabih Abou-Khalil afirmou-se na cena de vanguarda como compositor e como instrumentista. Com uma discografia, editada sobretudo pelas editoras MMP, ECM e, de há uns anos a esta parte, Enja, Abou-Khalil tem-se apresentado em festivais de jazz e de outras músicas pelo mundo fora.

O concerto desta noite tem como ponto de partida o CD *Journey to the Centre of an Egg* (o 13.º álbum gravado Rabih Abou-Khalil e Joachim Kühn Trio para a Enja) e junta um dos mais conhecidos pianistas de jazz europeus, o alemão Joachim Kühn (que também

toca saxofone), cujas origens musicais estão tanto em Bach como em Ornette Coleman, com o baterista Jarrod Cagwin, que desde há muitos anos faz parte de bandas de Abou-Khalil e conhece profundamente os ritmos turcos, árabes e africanos.

Em *Journey to the Centre of an Egg* pela primeira vez Abou-Khalil compõe em colaboração, escrevendo com Kühn todas as faixas do CD. O resultado, segundo John Kelman escreve em *All About Jazz*, é o álbum de cruzamento de culturas (*cross-cultural*) mais livre e mais bem sucedido de todos os que Rabih já gravou.

Os portadores de bilhete para o espectáculo têm acesso ao parque de estacionamento da Caixa Geral de Depósitos.

CULTURGEST, UMA CASA DO MUNDO

INFORMAÇÕES 21 790 51 55
WWW.CULTURGEST.PT
Edifício Sede da CGD
Rua Arco do Cego
1000-300 Lisboa

CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO
PRESIDENTE
Manuel José Vaz
VICE-PRESIDENTE
Miguel Lobo Antunes
VOGAL
Luís dos Santos Ferro

ASSESSORES
DANÇA
Gil Mendo
TEATRO
Francisco Frazão
ARTE CONTEMPORÂNEA
Miguel Wandschneider
SERVIÇO EDUCATIVO
Raquel Ribeiro dos Santos
Carmo Rolo ESTAGIÁRIA

DIRECÇÃO DE PRODUÇÃO
Margarida Mota

PRODUÇÃO E SECRETARIADO
Patrícia Blázquez
Mariana Cardoso de Lemos
Jorge Epifânio
Judite Jóia

EXPOSIÇÕES
PRODUÇÃO E MONTAGEM
António Sequeira Lopes
PRODUÇÃO
Paula Tavares dos Santos
MONTAGEM
Fernando Teixeira
CULTURGEST PORTO
Susana Sameiro

COMUNICAÇÃO
Filipe Folhadela Moreira
Marta Fernandes ESTAGIÁRIA
Sara Nogueira ESTAGIÁRIA

PUBLICAÇÕES
Marta Cardoso
Rosário Sousa Machado

ACTIVIDADES COMERCIAIS
Catarina Garmona

SERVIÇOS ADMINISTRATIVOS
E FINANCIEROS
Cristina Ribeiro
Paulo Silva

DIRECÇÃO TÉCNICA
Eugénio Sena

DIRECÇÃO DE CENA E LUZES
Horácio Fernandes

ASSISTENTE DE DIRECÇÃO CENOTÉCNICA
José Manuel Rodrigues

AUDIOVISUAIS
Américo Firmino CHEFE DE IMAGEM
Paulo Abrantes CHEFE DE AUDIO
Tiago Bernardo

ILUMINAÇÃO DE CENA
Fernando Ricardo CHEFE
Nuno Alves

MAQUINARIA DE CENA
José Luís Pereira CHEFE
Alcino Ferreira

TÉCNICO AUXILIAR
Álvaro Coelho

FRENTE DE CASA
Rute Moraes Bastos

BILHETEIRA
Manuela Fialho
Edgar Andrade

RECEPÇÃO
Teresa Figueiredo
Sofia Fernandes

AUXILIAR ADMINISTRATIVO
Nuno Cunha